RESUMO
Mediante a análise de narrativas autobiográficas e observações do trabalho das professoras escolhidas para tal processo, se buscou conhecer as histórias de vidas das mesmas e entender de que forma e sob que manifestações as suas experiências refletem em suas práticas pedagógicas. O que se pode notar foi não só que há essas manifestações, como também as professoras têm noção da importância e do impacto que isto causa nos alunos, buscando promover nos mesmos, uma mediação eficaz de conhecimento, visando a valorização dos conhecimentos prévios que eles trazem, e formá-los como cidadãos de valores, autônomos, críticos e reflexivos, preparados para conviver na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografias; Histórias de vidas; Professoras; Influências; Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO
O presente artigo desenvolve o tema "Histórias de Professoras", na qual pretendo saber de que forma e sob que manifestações as experiências de educadoras do fundamental I do ensino de São Paulo influenciam no processo ensino aprendizagem, pois tivemos como objetivo identificar os mecanismos presentes nas práticas pedagógicas das mesmas e na aprendizagem dos alunos que decorrem de suas experiências culturais, crenças, formação e história de vida.
Para realizar tal pesquisa, a metodologia foi realizada em três etapas, em que escolhi quatro professoras do fundamental I, as quais denominei com nomes fictícios para preservar suas identidades; são elas: Clarice, Eduarda, Joana e Márcia. Realizei a elaboração de uma narrativa autobiográfica e em seguida foi feita uma observação de suas ações perante os alunos, no qual o método narrativo é inovador e diferenciado perante as Ciências Humanas, pois um dos seus principais instrumentos de pesquisa é o indivíduo, que ao fazer a narrativa autobiográfica, tem a oportunidade de se expressar e se fazer ouvir, quando em inúmeras vezes não se faz possível. Após as observações das práticas pedagógicas, fez-se ainda um levantamento teórico com o intuito de se sustentar o processo e o resultado da pesquisa.
A escolha da abordagem surge do interesse de, a partir das histórias de vida, entender melhor os processos de formação dos professores entrevistados, [...] porque a educação e formação são processos de transformação, múltiplos projetos habitam, tecem, dinamizam e programam os relatos das histórias de vida e também nos informam sobre os desejos de ser e de vir a ser de seus autores (JOSSO, 2006:27).
Deste modo, a narrativa foi realizada de maneira informal, fora da sala de aula sem o foco pedagógico, para que as educadoras tivessem a liberdade de expressar suas experiências, formações sobre seus conceitos, história de vida, suas crenças, cultura e sua formação profissional. Entreguei para as mesmas, um kit que continha um enunciado elaborado por mim, definindo o significado de "memórias", folhas de respostas personalizadas também por mim, uma caneta, um CD com a música "A lista" de Oswaldo Montenegro e chocolates.
As professoras selecionadas assinaram um termo de consentimento e autorização como sujeitos da pesquisa.
Após este trabalho executado, apreciei a ação das professoras em sala de aula, observando assim, se as experiências destas refletem no processo ensino aprendizagem.
Mediante as informações coletadas, foi feito um levantamento teórico por meio de livros e artigos científicos relacionados à pesquisa que justifiquem a análise feita, para assim produzir o artigo científico.
O fato da sociedade estar passando por transformações, em que cada vez mais, surgem novas informações que refletem no ensino aprendizagem, exige que os educadores não sejam apenas meros transmissores de conhecimentos, e sim que possibilitem aos educandos o conhecimento de manei-

ra mais motivadora e crítica. Portanto, para que a instituição escolar exerça sua função de forma positiva, é importante para os educadores a adequação de seus objetivos a práticas socioculturais, para assim, cumprir seu papel de articuladores de conhecimentos, revendo seus objetivos e propostas, e proporcionando aos educandos um movimento de parceria e de trocas de experiências culturais.
Diante disto, escolhi o tema "Histórias de Professoras", que me despertou interesse a partir das experiências e observações de estágio, perante o trabalho dos educadores, pois percebi a necessidade de conhecer as suas influências culturais, crenças, formação e história de vida, nos contextos educativos e seus reflexos no processo de ensino aprendizagem.
Entretanto, não houve um intuito de escolha de gênero para a realização de tal pesquisa, porém ocasionou-se de coincidir de todos os sujeitos de pesquisa serem do sexo feminino, com idade entre 30 a 60 anos, que trabalham na rede pública de ensino de São Paulo na zona leste e não acumulam cargo, trabalhando somente em um período.

HISTÓRIA DE VIDA: QUANDO O PASSADO SE TORNA PRESENTE

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada em uma gaveta como uma coisa qualquer, mas para transformar uma cultura, e juntamente crescer com ela um pesquisador acerca da sociedade.
Cada geração tem sua própria memória de acontecimentos, que formam pontos de amarração de sua história. As lembranças guardam episódios notáveis que já ouvimos muitas vezes de nossos avôs, como a passagem do cometa Halley com sua cauda luminosa varrendo o céu paulistano, a gripe espanhola, o ladrão simpático que roubava dos ricos para dar aos pobres, o IV centenário de São Paulo... Daí, a importância da memória coletiva social e cultural, que elaboram simbolizações, a partir de experiências representativas e de recordações socializadas, que segundo Felgueiras (2005, p):

Nas diferentes formas que assumem, as memórias social, cultural e coletiva são processos dinâmicos de conflito e de mudança, através dos quais se rememora e se reproduz o passado. A memória histórica opera por diferenças ou por especificidades e procura inscrever as significações do passado em novas maneiras de pensar, sentir e agir.

Mediante tal afirmação, analisar a escola nos âmbitos sociais e culturais significa compreendê-la sob um olhar cultural que leva em conta a diversidade, onde seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, e autores da história permite ampliar a análise educacional, na medida em que busca apreender os processos reais, cotidianos, que ocorrem no interior da escola, ao mesmo tempo em que resgata o papel ativo dos sujeitos, na vida social e escolar.
Neste presente artigo o papel do professor na escola foi fator relevante para a pesquisa, pois recolhemos a memória do tempo, suas crenças, valores e perspectivas na visão de seres não abstratos, ou meramente intelectuais, mas, como seres essencialmente sociais, com suas identidades pessoais e profissionais, inseridos numa vida grupal na qual partilham uma cultura, provendo seus conhecimentos, valores e atitudes dessas relações, com base nas representações constituídas nesse processo que é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivo.
Consideramos fatores sociais e culturais, com seus determinantes que percorrem a vida grupal ou comunitária, pois sabemos que a interação desses fatores molda as concepções sobre educação, ensino, papel profissional, e as práticas a elas ligadas, concepções e práticas estas que, por sua vez, são estruturalmente marcadas pela maneira que as pessoas se veem, como estruturam suas representações, como se descrevem, como veem os outros acerca da sociedade em que vivem. Como pontua Neira (1999), a cultura repercute direta e imediatamente nos processos educativos, em todos os seus âmbitos, nas situações que eles atravessam e no sentido que os conduzem.
O valor educativo refletido pela família mostrou-nos que as transmissões de valores, crenças, e mitos familiares são inevitáveis e fazem parte da própria estruturação do nú-

cleo familiar ou, mais especificamente, da própria condição humana. Pudemos apreciar esta afirmação nos seguintes testemunhos:

Fui uma criança estudiosa, disciplinada, aplicada, que sempre levou muito a serio os estudos (Joana, 2012).

(...) era uma família maravilhosa, a melhor que uma criança poderia ter, com uma mãe incrível e sempre disponível para as mais diferentes brincadeiras com seus filhos e seus amigos, ela fazia dias comuns se tornarem verdadeiras festas (Eduarda, 2012).

As ações de ambas professoras observadas em sala de aula refletem nas atitudes e intervenções pedagógicas claramente influenciadas de maneira positiva, pois os valores, crenças e ideologias adquiridas às permitem fazer uma relação com o presente de maneira crítica, reflexiva e humana. Algumas ações como o falar, sentir, expressão facial e corporal é reproduzida informalmente pelos seus alunos que as idealizam como referência, promovendo uma interação de qualidade baseadas em seus conhecimentos.

Valorizo imensamente a família. Amo realizar festinhas porque nestas promovo encontros entre família e amigos e isto é muito importante para mim. Pessoas idosas para mim são fontes de sabedoria e alegria. Respeito demais os mais velhos e tenho educado minha filha assim (Márcia, 2012).

Em suas aulas, a educadora Márcia enfatiza o valor de uma família presente, participativa, e unida, proporcionando aos seus educandos festas e encontros com familiares e responsáveis, para assim aproximar todos do âmbito escolar. Além de festas, procura também realizar constantes reuniões, objetivando a integração escola – família, tal como tem em sua história de vida.

Nesta perspectiva a identidade familiar predominante era a necessidade de que os filhos aprendessem boas maneiras em um fenômeno psicológico grupal que tem como base um sistema de crenças compartilhadas. No entanto, os valores e crenças adquiridas no âmbito familiar não estão diretamente ligados ao sujeito, a comunidade onde está inserido, a escola, os meios de comunicação, o grupo de amigos, e outras pessoas significativas também são agentes desse processo. Dayrell (1992, p.2) defende que:

São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum individuo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico.

REFERÊNCIAS: MOMENTOS E PESSOAS MARCANTES

Partindo da análise de memória do passado, narrada num tempo presente, adentramos no percurso de vida das professoras, com o intuito de reconhecermos os anseios que em si deixaram marcas, tenham elas sido deixadas em algum momento, por determinadas pessoas ou até mesmo advindas de ex-professores, pois os relatos permitem que os próprios narradores façam uma reconstrução do seu passado, reconfigurando sua própria identidade em que se pode observar a construção/reconstrução que se faz ao longo do anos, tornando possível ainda, refletir sobre sua prática e contextualizar o momento presente, relembrar de pessoas, acontecimentos ou de um tempo que se foi, mas que pode continuar presente, presente em sua memória, em suas lembranças.

Em suas narrativas, as professoras deixam claro o quanto sentem prazer em se recordar da família e do quanto estas contribuíram para a sua formação tanto como pessoa, quanto como profissional, expressam ainda a gratificação que sentem pelos amigos que os acompanharam durante algum percurso ou até mesmo os que ainda as acompanham e lembram-se também, de cada professor que as inspiraram de maneira mais significativa, os quais se tornaram exemplo e referência.

Assim como dito, as professoras mencionam em seus relatos:

Meu pai e minha mãe sempre fizeram trabalhos com comunidades carentes e desta forma sempre tive contato com realidades tristes que hoje entendo que me levaram a

amadurecer (Márcia, 2012).

Quando terminei a 8ª série surgiu o grande dilema: O que vou ser? O que vou estudar? Minha tia era nutricionista e eu admirava o seu trabalho. Decidi fazer técnico em nutrição. Meu pai conversou comigo e disse que nunca me obrigara a nada, mas gostaria que eu atendesse seu pedido (ordem). Eu deveria fazer o magistério e depois disto ele me apoiaria a fazer qualquer curso (técnico ou faculdade). Me inscrevi no CEFAM (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério). Fiz a prova e passei. Também fui aprovada na entrevista e entrei. Foram os 4 anos mais felizes da minha adolescência/juventude. "Fiz amigos que são como irmãos e descobri a professora Márcia." (Márcia, 2012).

Dizem que as pessoas cruzam nosso caminho por algum motivo e o meu primeiro amor foi uma pessoa que fez grande diferença em minha história de vida, o nosso relacionamento era sério e queríamos ficar juntos para sempre, foram quatro anos felizes e inesquecíveis. Eu estava amadurecendo, mas ainda tinha um pé na adolescência e foi este amor que me ensinou a crescer, ser adulta, buscar um trabalho e assumir responsabilidades financeiras (Eduarda, 2012).

Dessa maneira, através das observações feitas na aulas das professoras Márcia e Eduarda, foi possível perceber que assim como as mesmas valorizam a influência que tiveram determinadas pessoas em suas vidas, elas procuram do mesmo modo, aproximar a família dos alunos de sua vida escolar, pois sabem o quanto a participação e o acompanhamento da família comprometem positivamente no futuro dos mesmos. Tais professoras procuram ainda ressaltar constantemente por meio de reuniões ou encontros com os familiares, a importância de passar às crianças determinadas crenças e valores, a fim de que os mesmos tenham boas influências em suas vidas.

Professores maravilhosos passaram em minha vida. Madre Bernadete me alfabetizou no pré. Na 3ª série a professora Irene deixava mensagens que eu adorava ler em meus cadernos. Professora Moura me deixou de recuperação em Matemática, mas não me deixou ir para a 5ª série sem aprender a tabuada e a divisão e a multiplicação. Professor Pádua foi meu grande incentivador a produzir textos. Mais tarde o professor Antônio Carlos (dele falarei mais adiante). Professora Dóris dava uma aula de Ciências maravilhosa. Lembro-me de seus desenhos e explicações na lousa como se fosse hoje. A aula de história da professora também nos retirava da sala. Nossa mentes nos levavam até castelos medievais, revoluções. Todos nós íamos muito bem (Márcia, 2012).

Tive ótimos professores, mas a D. Terezinha foi especial (...), pois desde o início da minha carreira no magistério, busquei ser pelo menos 10% do que dona Terezinha sempre foi, porque acredito que somente com 10% eu já conseguiria fazer a diferença para os meus alunos e por quem estivesse ao meu redor (Clarice, 2012).

Professora alfabetizadora, procuro através das experiências que tive, e das pessoas que por minha vida passaram, meus alunos, meus alunos mais que especiais, mães que hoje são minhas amigas, colegas de trabalho e todos da minha família e amigos que contribuem e contribuíram para que eu seja quem eu sou (Joana, 2012).

Diante da análise dos relatos e das ações pedagógicas das professoras Márcia, Clarice e Joana, foi possível perceber que ambas buscam ultrapassar os limites profissionais e escolares, não se considerando detentoras do saber, pois agem de maneira a também aprender com os demais, já que sabem que acabam por deixar marcas na vida dos educandos e, da mesma maneira que ocorreu com elas, buscam também se tornar exemplos aos seus alunos, não só fazendo uma mediação de conteúdos ou de aprendizagens cognitivas, mas levando-os a trabalhar em grupo, construir coletivamente e respeitar as diferenças, valorizando a aprendizagem mútua, os levando também a conhecer e entender melhor as pessoas e o mundo que os cercam, mediando os conhecimentos necessários que os alunos devem adquirir para conviver na sociedade, no qual se percebe nestes professores, a intenção de formar não só alunos, mas também seres humanos de valores.

Dias e Enger (2005, p. 516) pontuam que:

Por experiências diferentes, as professoras chegam a escolhas semelhantes. São trilhas, vivências, sentimentos, lembranças... pessoais, mas que, em muitos momentos, encontram, em seus significados, proximidades... Pensando sobre essas diferenças experienciais é que acreditamos ser o discurso uniformizado que perpassa os espaços de formação, incluindo o próprio contexto escolar, o qual é incapaz de dar conta dos processos de formação das professoras-alfabetizadoras, por desconsiderar os percursos de vida dessas profissionais e, portanto, a (re)construção de suas identidades.

É ainda por meio da leitura que o próprio professor tem a possibilidade de fazer de suas narrativas, que são ampliadas as possibilidades dele conhecer melhor a si mesmo, seja pessoal ou profissionalmente, o que contribui para uma reflexão acerca de um melhor professor-pessoa e como estes sujeitos se articulam dentro de si, objetivando-se assim uma contribuição para suas práticas futuras.

Para Kenski (1997), Tradicionalmente, o professor é um agente da memória por excelência. Dedica-se à aquisição do conhecimento (memória-saber) não apenas para seu próprio uso mas para reelaborá-lo e adaptá-lo a forma de serem transmitidas a seus alunos.

A maneira do professor ensinar é construída ao longo de sua vida, seja em situações escolares ou não, fazendo com que essas interações sejam reapropriadas em suas práticas pedagógicas.

Por meio do contato que os alunos têm com seus professores, são criados laços afetivos positivos ou negativos, podendo ou não, nortear os seus caminhos e suas escolhas pessoais e profissionais, fazendo com que essas marcas sejam reproduzidas, mesmo que inconscientemente. Assim, o professor não é tão somente um mero transmissor neutro de conhecimento, mas um agente de memória, que por meio do agir/interagir, deixa a sua marca nos alunos, podendo se tornar modelos, assim como

As experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico. (TASSONI, p. 3)

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: O SER PROTAGONISTA DE SUAS PRÓPRIAS ESCOLHAS

Analisar o passado pode ajudar-nos a encontrar explicações para significados nas ações que temos no presente, bem como compreender como foram construídos o nosso percurso pessoal e profissional, e o quanto ambos contribuem para a nossa identidade profissional.

Diante disto, constantemente o indivíduo está à procura da definição da própria identidade. Para Acimpa (2001), a identidade é um fenômeno social e pode ser entendida como a síntese de múltiplas e distintas determinações, o homem como ser - no - mundo, busca o desenvolvimento de sua identidade concreta, que neste caso define os homens iguais a uns e diferente de outros, em um constante movimento de mudanças e transformações(...).

Dubar (2005) afirma que os diversos papéis que um trabalhador desempenha ao longo da vida constrói sua identidade profissional e ainda afirma que a identidade deve ser entendida como algo de grande valia para qualquer pessoa.

Na perspectiva de Wenger (1998), a medida que crescemos através de uma sucessão de formas de participação na sociedade, as nossas identidades formam – trajetórias, ou seja, um movimento contínuo em que se interpõe os acontecimentos próprios e conjuntos, produzidos num campo de influências, o qual se delineia numa linha de coerência que liga o passado, o presente e o futuro.

Nesse sentido, a trajetória pessoal e profissional contribui para a construção da identidade docente, no qual os saberes profissionais do professor são compostos daqueles procedentes da própria história de vida, da sociedade da qual faz parte, da história enquanto aluno, das diferentes instituições formais e não formais com as quais teve contato e dos distintos contextos e espaços

de formação.
Deste modo, podemos entender que o desenvolvimento da identidade profissional do docente é entendido como um processo de socialização, o qual ocorre desde a infância, a partir de várias identificações que o indivíduo tem durante sua história de vida.
Dubar (2005), defende que desde a infância a socialização é um processo de identificação e de construção de identidade, isto é, de pertencimento e de relação. O autor afirma também que socializar-se é assumir pessoalmente suas atitudes, a ponto das mesmas guiarem amplamente sua conduta.
Ao longo da vida do indivíduo as escolhas passam a ser cada vez mais frequente, no entanto não se trata apenas da escolha da profissão ou de adquirir um diploma, mas de construção pessoal e de uma identidade profissional, que mobilize a projeção da imagem de si próprio, além da avaliação da capacidade e realizações de seus desejos. Assim, como identificamos nas narrativas das educadoras:

E um domingo como outro qualquer, havia nos classificados uma empresa aérea que estava contratando e oferecendo a formação necessária para comissária de voo e eu me encaixava no perfil exigido pela companhia. Neste período, conheci o Brasil e muitos outros países, fiz muitos e diferentes cursos, conheci outras culturas, aprendi outros idiomas, visitei lugares e conheci pessoas incríveis (...). Porém meu romance com a aviação durou 14 anos, e optei por pedagogia principalmente porque o mercado de trabalho favorece profissionais do sexo feminino e sua área de atuação profissional é abrangente e academicamente falando proporciona inúmeras especializações. E foi assim que aos 32 anos de idade me tornei estudante de pedagogia e realizei o sonho de fazer faculdade e dar continuidade aos meus estudos (Eduarda, 2012).
No 2º ano do ginasial fui convidada pela minha professora de taquigrafia a trabalhar como secretária júnior na firma de seu irmão, Sr. Ivan. Ali desenvolvi meus conhecimentos e ganhei experiência profissional. Casei, tive minha primeira filha. Como sua saúde era muito delicada e vivia com pequenos problemas, parei de trabalhar. Em 1990, já com dois filhos bem graudinhos passei por um período de depressão, onde fui orientada pelo meu médico que voltasse a ocupar a minha mente com algum trabalho que me desse prazer em realizá-lo. Foi quando comecei a me questionar várias lembranças e situações vieram à tona. Nesse momento busquei conhecer o que o magistério poderia me proporcionar, e lá fui eu novamente cursar o segundo grau. Cursei o magistério e no ano que seria minha formatura prestei o concurso e fui aprovada e classifica. Durante o curso de magistério me surpreendi com a minha identificação profissional (Clarice, 2012).
Deste modo, é possível identificar que as educadoras Clarice e Eduarda tiverem percursos diferentes para suas formações, mas obtiveram a realização profissional com as mesmas, no qual diante de nossas observações, destacamos que suas ações em sala de aula refletem em suas atuações perante seus educandos, pois valorizam o processo de escolha da identidade, sempre ressaltando a importância da educação e do estudo, no qual proporcionam debates acerca das profissões, relatam suas experiências profissionais, procurando formar alunos que tenham por si a capacidade de escolha de profissão, tornando- os adultos críticos, reflexivos e autores de suas próprias escolhas.
Conforme Antunes (2008) é importante considerar as histórias de vida dos educadores, não como um processo linear de acumulação de conhecimento, mas como reflexão sobre sua própria ação e a permanente reconstrução dos processos identitários.

CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A PROFISSÃO

Estamos vivenciando uma sociedade moderna, no qual educadores devem trabalhar com o conceito da mudança, fazer com que seus educandos compreendam melhor o mundo repleto de variáveis, onde o conhecimento não é estável e sim passível de transformações, pois de acordo com Morgado (2005), o professor deve saber transformar a informação em conhecimento e conhecimento em cultura; ter uma postura autocrítica frente aos fenômenos sociais; ser um

militante social, aceitando, compreendendo e trabalhando a diversidade; e participar ativamente na construção de projetos de cidadania democrática.
Diante disto, a profissão professor vem sofrendo uma série de modificações, adquirindo uma nova identidade, identidade esta, do mundo globalizado, no qual o seu papel é o de mediador, bem como pontua Gadotti (2002), o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos, assim como Paulo Freire que em "Pedagogia da Autonomia" (1996), ao relatar as características ideais de um professor, também afirma que o mesmo deve ser curioso. Neste modelo, o professor é aquele que faz a ponte do conhecimento para seus alunos, oferecendo múltiplas oportunidades de aprendizagem, ensinando - os a pensar, pesquisar, sair do senso-comum e ir á busca do conhecimento científico, para assim se tornarem cidadãos críticos e reflexivos, conhecedores de seus direitos e deveres.
A educação necessita de professores que acreditem nela, que possuem um comprometimento para com seus alunos, como afirma Gadotti (2002, p. 14):

A educação do futuro deverá se aproximar mais dos "aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos". Isso implica novos saberes, entre eles, saber planejar, saber organizar o currículo, saber pesquisa, estabelecer estratégias para formar grupos, para resolver problemas, relacionar-se com a comunidade, exercer atividades sócio-antropológicas, etc.

Porém, muitos educadores assumem o discurso vigente que impera na sociedade e é reforçado pelos meios de comunicação, a partir de suas experiências pessoais, culturais e sociais, discurso este, que afirma que a educação não tem jeito, professores ganham pouco, não são valorizados, mal formados e que falta interesse da comunidade escolar e participação da família.
Entretanto, este discurso vigente contrapõe – se com nossa pesquisa de narrativa autobiográfica, na qual nossas educadoras são apaixonadas pela profissão, e acreditam na mudança, bem como na educação, pois visam que a mesma proporciona melhoras em um país, e que dentro da sala de aula, pode haver a diferença. Estas afirmações ficam expressas nos seguintes depoimentos que se reafirmam com nossas observações:

Hoje professora titular da Prefeitura de São Paulo, minha profissão, minha vida e minha paixão (Joana, 2012).

Quando cursei a faculdade de pedagogia tive a felicidade de conhecer profissionais de diversas formações e assim pude aprender, ensinar, desenvolver-me e crescer. A cada dia redescubro o amor pela arte de aprender e ensinar, sou uma eterna sonhadora (...) a educação é um caminho de acesso ao conhecimento, visando proporcionar um saber que liberta e compete a mim como professora ajudar meus alunos a desenvolver a aptidão do pensar, através do diálogo estimulando sua capacidade cognitiva (Clarice, 2012).
Era uma turma de mais de 30 crianças, com inclusão e alguns alunos um tanto quanto difíceis, mas me apaixonei completamente e dediquei seis meses de minha vida a este grupo de estudantes e tentei, apesar da inexperiência, fazer o meu melhor (...) quando o final de 2010 chegou, preparei um vídeo para os alunos, alunas e suas famílias com diversas atividades que realizamos durante o ano. Para eles foi um presente e para mim um importante instrumento de reflexão, através do qual percebi meus avanços em relação ao ano anterior, minha prática docente, meus erros, exageros, o que eu faria de novo e principalmente o que eu faria diferente (Eduarda, 2012).
As educadoras Joana, Clarice e Eduarda encantam a todos pela arte de educar, pois por acreditarem na profissão e valorizarem a mesma, constroem bases sólidas, desenvolvendo projetos que contribuem para o processo de ensino aprendizagem, com atividades práticas e teóricas, pois em suas aulas, valorizam os conhecimentos prévios de seus alunos, e contribuem ainda para que os mesmos despertem a autonomia pela

pesquisa e criticidade, apresentando letras de músicas que expressam as indagações acerca da realidade do país e debates sobre as mesmas, instigando-os a curiosidade e tornando-os críticos, além de apresentarem aos seus alunos diferentes versões de uma mesma história, com diferenciados instrumentos pedagógicos, como filmes, livros e desenhos. Nesta prática, é feita a leitura e reescrita, proporcionando aos alunos a possibilidade de conhecer e escolher qual história é de sua preferência.

(...) Casei- me com o magistério. A sala de aula me desperta sentimentos e realizações pessoais e profissionais, ver aqueles rostinhos, perceber seus avanços (...) (Márcia, 2012).

A professora Márcia cria uma diversidade de materiais e projetos, um ambiente rico em criatividade e estimulante para a prática da alfabetização, com cartazes diferenciados com nomes de frutas, objetos escolares e listas de educandos, além disso, a mesma tem um olhar para a sala de aula não como um todo, como uma homogeneidade e sim para cada um como um indivíduo único que possui suas próprias características e necessidades.

Com estes depoimentos, as educadoras reafirmam a paixão pela profissão, e nos apresentam seus autoconhecimentos perante suas práticas pedagógicas, em vista que:

O ser humano se desenvolve e se constrói como sujeito e autor de sua existência em meio a um complexo processo que exige autoconsciência, capacidade de autonomia, coragem de escolher e experimentar novos caminhos, assim como uma grande paciência para retomar e refazer, permanentemente, o caminho já trilhado com vistas a avançar em novas direções e para novas possibilidades (SANTOS NETO, 2006, p.35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemplando as narrativas autobiográficas das professoras então mencionadas e fazendo uma análise de suas práticas pedagógicas, tendo como foco a cultura, as crenças, a formação e as suas histórias de vida, assim como suas respectivas influências no processo ensino aprendizagem, entende-se que as educadoras refletem tais experiências e concepções pessoais, bem como, seus pensamentos acerca da educação e da "profissão professor" em seus alunos, partilhando com eles - mesmo que inconscientemente - essas vivências e relações pessoais, as quais acabam por fazer parte do processo educativo.

O que se pode perceber, é que o processo ensino-aprendizagem vai muito além da mediação cognitiva entre sujeitos, e nos faz notar que há nessas relações um movimento de parceria e troca de experiências culturais, já que, as educadoras internalizam em si suas experiências de vida, criando assim sua identidade, e por meio dos laços afetivos com seus alunos, criam marcas nos mesmos, servindo como referências pessoais a eles, e mediante isto, as educadoras mostram entender que acabam por transmiti-los aos seus alunos, preocupando-se em elaborar aulas com vistas em uma ampla visão de saberes e trocas de experiências.

As educadoras reconhecem então que são "professoras-pessoas" e o quanto sua relação com os alunos refletirá na formação dos mesmos como cidadãos, sabem ainda da importância do seu papel para com a sociedade, assumindo posições e tomando decisões perante suas práticas educativas, pois elaboram suas aulas com amor e afetividade, nitidamente ligados aos seus comprometimentos, já que mostram não se considerarem as detentoras do saber, em que o professor transmite o seu conhecimento ao aluno, mas sim buscam valorizar o conhecimento que este aluno traz, acreditam na cooperação e participação da família, promovem aulas com vistas na realidade e no contexto em que estão inseridos e visam contribuir ainda, não só para uma formação intelectual de qualidade nos mesmos, mas têm em si que é inevitável a formação de crenças e valores os quais contribuirão para que seus alunos se constituam como pessoas preparadas para a convivência na sociedade.

Assim como a sociedade vive em constante transformação, com necessidades específicas conforme o tempo em que se encontra, se faz necessário que o educador reveja suas práticas de ensino, para que sejam supridas essas expectativas, e dessa maneira, a esco-

la forme alunos autônomos, críticos, reflexivos e que saibam trabalhar em conjunto, respeitando o seu próximo.
A presente pesquisa, não esgota em si as possibilidades de novos estudos acerca do tema, tal como a continuidade do mesmo, para que venha a haver tantas quantas contribuições necessárias mediante as necessidades emergentes.

REFERÊNCIAS

DIAS, Cleuza Maria Sobral; ENGERS, Maria Emília Amaral. Tempos e memórias de professoras – alfabetizadoras. Porto Alegre – RS: Educação, ano XXVlll, n.53 (57), p. 510-520, set./dez. 2005.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. Anuário do GT de Psicologia da Educação. ANPED, p. 2-7, set. 2000.

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade. 8º Encontro de Iniciação Científica. 8ª Mostra de Pós Graduação, p.2-3, FAFIUV/2008.

CATANI, Denise Barbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; SOUZA, M. Cecília C. C. Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 93-94, 1997.